

Aplicação do método *storytelling* de gestão do conhecimento para a constituição da memória organizacional do movimento *Shindo Renmei*

Natacha Kajimoto

kajimotofunai@hotmail.com

Marta Lígia Pomim Valentim

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Departamento de Ciência da Informação, Marília, SP, Brasil
valentim@valentim.pro.br

Resumo: Introdução: A partir da última década do Século XIX ocorreram as primeiras relações entre o Brasil e o Japão. No Brasil a imigração japonesa teve seu início em 1908, com a vinda do navio *Kasato-Maru*. Com o início da Segunda Guerra Mundial, houve uma interrupção no ciclo de imigração, resultado dos ataques em Hiroshima e Nagasaki e com a rendição do Japão aos Estados Unidos. No Brasil, os imigrantes que aqui viviam não aceitavam o fato de que o Japão havia perdido a Guerra e, assim, se dividem em dois grupos – os Kachigumi [vitoristas] e os Makegumi [derrotistas]. O Movimento Shindo Renmei era constituído pelos que se denominavam Kachigumi que, por sua vez, matavam e destruíam os estabelecimentos dos japoneses que admitiam a derrota do Japão para os Estados Unidos. Objetivo: Reconstituir parte da memória do Movimento Shindo Renmei, mais especificamente referente à região de Marília, Estado de São Paulo, se faz necessário. Metodologia: Apoiando-se na gestão do conhecimento, cujos métodos possibilitam a conversão do conhecimento tácito para explícito, utilizou-se o método denominado *Storytelling*, com o objetivo de obter relatos de pessoas que participaram ou vivenciaram o Movimento Shindo Renmei na região de Marília, Estado de São Paulo, de modo a propiciar o resgate de parte da memória dessa organização. Resultados: Apresentam-se os relatos de 5 (cinco) pessoas que vivenciaram a época em que a Shindo Renmei atuava na região. Conclusão: O estudo realizado proporcionou a compreensão sobre a relevância do resgate da memória organizacional, neste caso a do Movimento Shindo Renmei como uma organização formal que foi constituída com objetivos muito bem definidos, bem como provou a viabilidade de se aplicar o método *Storytelling* da gestão do conhecimento para o resgate de memórias deste tipo.

Palavras-Chave: Gestão do conhecimento; Imigração Japonesa; Memória Organizacional; Método *Storytelling*; Marília (São Paulo, Brasil); Movimento Shindo Renmei.

Application the *storytelling* method of the knowledge management for the constitution organizational memory of *Shindo Renmei* Movement

Abstract: Introduction: The first relations between Brazil and Japan occurred in the last decade of the Nineteenth Century. In Brazil, Japanese immigration began in 1908 with the arrival of the ship *Kasato-Maru*. With the beginning of World War II, there was an interruption in the immigration cycle, a result of the attacks on Hiroshima and Nagasaki and Japan's surrender to the United States. In Brazil, the immigrants did not accept the fact that Japan had lost the war, and thus were divided into two groups - Kachigumi [victorious] and Makegumi [defeated]. The Shindo Renmei Movement was formed by those who called themselves Kachigumi which, in turn, killed and destroyed the establishments of Japanese who admitted the defeat of Japan to the United States. Objective: Reconstruct part of the memory of Movement Shindo Renmei more specifically related to Marília, São Paulo State. Method: Relying on knowledge management, whose methods enable the conversion of tacit knowledge to explicit knowledge, we used the method called *Storytelling* with the goal of getting reports from people who participated and experienced the Shindo Renmei Movement in Marília, to facilitate the rescue of part of the memory that organization. Results: The study afforded comprehension of the relevance to rescue

the organizational memory, in this case the Shindo Renmei Movement as a formal organization that was established with well-defined objectives and proved the viability of applying the Storytelling method of management knowledge to the rescue of memories of this type.

Keywords: Japanese Immigration; Knowledge Management; Marília (São Paulo, Brazil); Organizational Memory; Shindo Renmei Movement; Storytelling Method.

Aplicación del método *storytelling* de gestión del conocimiento para la constitución de la memoria organizacional del movimiento Shindo Renmei

Resumen: Introducción: Desde la última década del Siglo XIX fueron las primeras relaciones entre Brasil y Japón. En Brasil, la inmigración japonesa comenzó en 1908 con la llegada del buque *Kasato-Marú*. Con el inicio de la Segunda Guerra Mundial, hubo una interrupción en el ciclo de la inmigración, a raíz de los ataques a *Hiroshima* y *Nagasaki* y la rendición de Japón a los Estados Unidos. En Brasil, los inmigrantes que vivían aquí no aceptaron el hecho de que Japón había perdido la guerra, y por lo tanto se dividen en dos grupos - Kachigumi [victoriosos] y Makegumi [derrotados]. El Movimiento Shindo Renmei fue formado por aquellos que llamaban a sí mismos de Kachigumi que, a su vez, matarán y destruirán los establecimientos de japoneses que admitieron la derrota de Japón a los Estados Unidos. Objetivo: Reconstruir parte de la memoria del Movimiento Shindo Renmei, más específicamente relacionada con Marília, Provincia de São Paulo, es necesario. Método: Basándose en la gestión del conocimiento, cuyos métodos permitir la conversión del conocimiento tácito a explícito, se utilizó el método denominado *Storytelling* con el objetivo de obtener los relatos de las personas que asistieron y experimentarán el Movimiento Shindo Renmei en Marília, con el fin de facilitar el rescate de parte de la memoria de la organización. Resultados: El estudio proporcionó la comprensión sobre la importancia de rescatar la memoria organizacional, en este caso el movimiento Renmei Shindo como una organización formal que se estableció con objetivos bien definidos y demostró la viabilidad de aplicar el método *Storytelling* de la gestión del conocimiento para el rescate de las memorias de este tipo.

Palabras-clave: Gestión del Conocimiento; Inmigración Japonesa; Marília (São Paulo, Brasil); Memoria Organizacional; Método *Storytelling*; Movimiento Shindo Renmei.

1 Introdução

A gestão do conhecimento (GC) pode ser realizada com diferentes intuitos; um deles refere-se à constituição da memória organizacional. Para tanto, é possível aplicar distintos métodos e técnicas que geram informações relevantes para uma determinada organização. A gestão do conhecimento enfoca o conhecimento que as pessoas construíram e possuem a partir de experiências vivenciadas em âmbito pessoal e/ou profissional.

Uma informação é convertida em conhecimento quando um indivíduo consegue relacioná-la a outras informações, avaliando-a e compreendendo seu significado em um determinado contexto. Parte do conhecimento tácito construído é passível de ser [re]conhecido pelo indivíduo e, uma vez que tenha condições cognitivas para explicitá-lo, este poderá ser sistematizado, organizado, disseminado e apropriado por outros em uma espiral crescente.

A partir da explicitação de parte do conhecimento tácito individual, a gestão da informação poderá gerenciar de modo eficiente o acesso, a busca e a disseminação do conhecimento explicitado para uma coletividade; ou seja, para um grupo, comunidade ou sociedade. Nessa perspectiva, o conhecimento individual [tácito/imaterial] pode se

transformar em informação [explícito/material] e, assim, tornar-se objeto da gestão da informação (GI). Para Machado Neto (1998 *apud* VALENTIM, 2003) a gestão do conhecimento se refere a um

[...] conjunto de estratégias para criar, adquirir, compartilhar e utilizar ativos de conhecimento, bem como estabelecer fluxos que garantam a informação necessária no tempo e formato adequados, a fim de auxiliar na geração de ideias, soluções de problemas e tomada de decisões.

Para a formação de uma memória organizacional é necessário contar tanto com a gestão do conhecimento quanto com a gestão da informação, porquanto primeiramente é necessário atuar junto ao sujeito cognoscente para se obter informações relevantes sobre determinado fato/acontecimento que somente ele possui, para posteriormente selecionar, tratar, analisar, organizar, processar e disseminar informações a um determinado público.

Silva e Ribeiro (2002, p. 37) explicam que informação se constitui no conjunto de representações mentais codificadas socialmente, contextualizadas e passíveis de serem registradas num determinado suporte e, portanto, comunicadas de modo assíncrono e multidirecionado. Corroborando essa ideia, Alvarenga Neto, Barbosa e Pereira (2007, p. 7) afirmam que o conhecimento só existe na mente humana em sinergia com propósitos individuais ou coletivos.

A GC se relaciona com outras atividades e campos do conhecimento como, por exemplo: gestão da informação, organização de aprendizagem [*learning organization*], gestão documental, competência em informação, inteligência organizacional, entre outras, conforme explica Barbosa (2008, p. 2). Segundo este autor (2008, p. 7), a origem do termo 'gestão do conhecimento' é antiga, pois aparece em um artigo de Nicholas Henry, publicado na revista *Public Administration Review*, em 1974, que definia gestão do conhecimento como algo relacionado a políticas voltadas à produção, disseminação, acessibilidade e uso da informação.

Contudo, é importante mencionar que o termo 'conhecimento tácito' aparece na obra de Polanyi, '*Tacit dimension*', publicada em 1966. Esse autor destaca que a mente humana se constitui no instrumento máximo para a construção de conhecimento, tanto no âmbito teórico quanto prático, uma vez que as vivências de um indivíduo ocorrem em distintos contextos e momentos histórico-sociais. Além disso, explora as sensações [cinco sentidos] em relação aos objetos externos, convertendo as sensações/percepções captadas e a compreensão de seus significados em conhecimento tácito.

Para Nonaka (2000, p. 33) o conhecimento tácito tem profunda relação com o contexto em que foi concebido, é constituído em parte por habilidades técnicas e ao mesmo tempo tem importante componente cognitivo; isto é, "Consiste de modelos mentais, crenças e perspectivas tão arraigadas que são tidas como algo certo [...]". Nessa perspectiva, Pasher e

Ronen (2011, p. 50, tradução nossa), mencionam que os valores organizacionais são influenciadores determinantes para a construção de conhecimento, uma vez que alicerçam a formação de o modelo mental dos sujeitos que com ela se relacionam.

A geração de conhecimento ocorre por meio da interação entre o conhecimento tácito e explícito, isto é, quando o primeiro deixa de pertencer somente ao indivíduo e passa a pertencer a um grupo de indivíduos, gerando, assim, uma espiral de conhecimento; ou seja, todo indivíduo cria e gera conhecimento de forma independente, entretanto o conhecimento tácito não existe sem o conhecimento explícito, pois um depende do outro.

Evidencia-se que a conversão do conhecimento tácito em explícito muitas vezes não é possível, uma vez que cada indivíduo possui regras de aprendizagem e comunicação próprias, cujo modo de viver e agir são distintos.

Segundo O'Dell e Hubert (2011, p. 201, tradução nossa) para aplicar a GC no intuito de constituir a memória organizacional, há que se mapear o conhecimento tácito re[conhecido] pelo indivíduo. Para tanto é preciso definir valores claros no que tange ao compartilhamento de conhecimento; estabelecer mecanismos de comunicação eficientes; formalizar a colaboração entre pessoas no âmbito das redes formais e informais; promover a aprendizagem contínua; acelerar a transformação do conhecimento tácito [conhecimento] em conhecimento explícito [informação] mecanismo; entre outras.

Este artigo trata da constituição de parte da memória organizacional do Movimento Shindo Renmei, visando à preservação e à disseminação de fatos e acontecimentos sobre um determinado contexto e período histórico da imigração japonesa na região de Marília, Estado de São Paulo. Para tanto, discorrer-se-á sobre o método de gestão do conhecimento denominado *Storytelling*.

Apresentar-se-á sucintamente como ocorreu a imigração japonesa no Estado de São Paulo e a constituição do Movimento Shindo Renmei, organização militarista brasileira, seguidora fanática do Imperador Hiroíto que, mesmo com a rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial, após os ataques das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, não aceitavam a rendição dos japoneses aos americanos, dividindo-se em dois grupos: os Kachigumi¹ (vitoristas) e os Makegumi² (derrotistas), situação que deu início a uma série de conflitos no âmbito da comunidade japonesa paulista.

¹ *Kachigumi* – vitoristas. Eram aqueles que acreditavam que a guerra continuava ou que tinha havido a vitória do Japão. Nem todos foram simpatizantes das ações da *Shindo Renmei*. Geralmente eram pessoas mais pobres da comunidade e que ainda desejavam o retorno ao Japão. Eram os mais numerosos. Disponível em: <<http://encyclopedia.densho.org/Kachigumi/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

² *Makegumi* – derrotistas. Pejorativamente chamados de "corações sujos", eram os que acreditavam na derrota japonesa. Formavam o grupo mais próspero da colônia, eram mais bem informados e melhor adaptados ao Brasil. Disponível em: <<http://encyclopedia.densho.org/Kachigumi/>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

2 *Storytelling*

Todos os tipos de narrativas (verídicas ou fictícias) produzem o efeito esperado para se concretizar as ideias e, na maioria das vezes, inspiram as pessoas a se envolverem com elas. Quando as narrativas são bem estruturadas, são capazes de trazer emoções reais, e isso somente é possível devido a alguns fatores importantes como, por exemplo, a capacidade de mobilizar emoções e criar vínculos, e por contribuírem para uma visão de conjunto, criar pontes entre o conceitual e o real.

O storytelling apareceu nos Estados Unidos, em meados dos anos 1990, como uma nova escola de Administração, porque era preciso reaprender tudo: pensar, agir, trabalhar em rede, gerenciar a distância, formar equipes nômades, controlar a superabundância de informações, adaptar-se à rigidez dos negócios em tempo real (MATOS, 2010, p. 9).

Matos (2001, p.91) explica que “[...] a repetição narrativa se esquia a uma racionalidade linear e contínua. Ela é lacunar. Agir, ver, ouvir, lembrar significam: completar, finalizar uma recordação por sua narrativa. No âmbito da gestão do conhecimento, visando à constituição da memória organizacional, pode-se aplicar o método ‘*Storytelling*’, cuja dinâmica permite resgatar fatos e acontecimentos que já ocorreram no passado, por meio da narrativa de um ou mais sujeitos, com o intuito de registrar uma determinada história, fato ou acontecimento.

De acordo com Matos (2010) o surgimento do conceito de *Storytelling*, ocorreu a partir da necessidade de se encontrar novas maneiras de se comunicar. Assim, um novo *status* vem sendo conferido às histórias, ao mesmo tempo em que este conceito é ampliado.

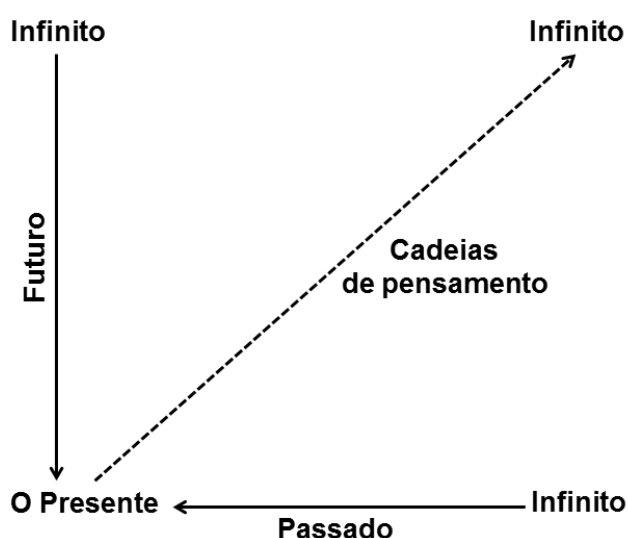
A construção do conhecimento muitas ocorre a partir de relatos individuais que são apropriados e posteriormente disseminados.

Storytelling é um método que reforça múltiplas relações causais. [...] a experiência, as lições aprendidas e o contexto são transmitidos de forma a estabelecer um significado, uma emoção e servir como padrão arquétipo para a tomada de decisão ou ação futura em situações semelhantes (TERRA, [s.d.], p. 2).

Mellon (2006) explica que uma história (personagens, cenários, enredo etc.) se imbrica à cultura, ao modelo mental e aos sentimentos das pessoas. Embora nem sempre os fatos mereçam a atenção ou possuam potencial para se tornarem memórias e/ou histórias no que tange ao seu valor e, às vezes, fazem sentido apenas em um determinado contexto ou espaço de tempo. Além disso, as histórias podem ser recontadas infinitas vezes, alterando a efetiva realidade, isto é, podem gerar mitos ao longo do tempo, uma vez que alguns valores morais e éticos são ajustados ao contexto, se distanciando da realidade vivenciada de fato (TERRA, [s.d.], p. 2).

À medida que se traz a consciência para a realidade, a partir de histórias contadas, há maior concordância com o próprio senso, reconhecendo quem somos e como ocorrem os relacionamentos com o grupo e com a sociedade. Passado e futuro se encontram no presente, a partir das cadeias de pensamento, isso significa que a constituição de memória é importante para que o indivíduo conheça a própria identidade, compreenda seu papel na sociedade e observe as possibilidades influenciadoras para a constituição de um determinado futuro (Figura 1).

Figura 1: Pensamento e constituição de memória no presente.



Fonte: Arendt, 2000, p. 157

Para Matos (2010), o conhecimento é o ato ou efeito de conhecer a ideia, a noção, a informação, a notícia, a experiência e o discernimento que se encontra na mente de um indivíduo ou grupo de indivíduos, ou seja, o conhecimento refere-se à combinação de experiências, valores, informações e recordações do indivíduo, cuja dinâmica gera nova informação e experiência, ou seja, novo conhecimento. O atributo-chave do conhecimento é que ele existe apenas na mente do ser humano, entretanto pode ser transformado em informação.

O conhecimento explícito [informação] é passível de codificação, disseminação, transferência uso e reuso. Por outro lado, o conhecimento tácito é subjetivo, residem no interior da mente humana e, por isso mesmo, são difíceis de [re]conhecimento, seleção e captura. Desse modo, quanto mais complexo o conhecimento tácito, mais difícil será a sua explicitação.

O conhecimento tácito necessita ser convertido em conhecimento explícito, de maneira que possa ser acessado, compreendido e apropriado por outras pessoas. Ao processo de transformação do conhecimento tácito em explícito, denominou-se externalização. Matos (2010, p. 119) explica que “A memória é episódica e normalmente organizada em volta de experiências pessoais, e não de categorias semânticas; sendo assim, a formalização e a conceitualização de seus conteúdos poderão ser suportadas através de representação de pequenos eventos.

A reconstrução de um fato/acometimento nada mais é do que a passagem do conhecimento tácito para o conhecimento explícito, e uma das maneiras que essa dinâmica pode ser efetivada é por meio da aplicação do método *Storytelling*. Este método enfoca algumas atividades relativamente simples, mas ao mesmo tempo complexas, quais sejam: ouvir, coletar, sistematizar e compartilhar os fatos e acontecimentos vivenciados por um indivíduo ou grupo de indivíduos objetivando sua socialização.

O método *Storytelling* é composto por sete etapas: ouvir, aprender, descobrir, explorar, criar, comunicar e encantar. Nessa perspectiva, é necessário ressaltar as seguintes ações: 1) saber ouvir o sujeito que faz a narrativa; 2) aprender sobre o fato, acontecimento, movimento ou contexto histórico; 3) explorar a história, suas variações e implicações para gerar conceitos, compreensões e explicações.

Ressalta-se que a aplicação do método *Storytelling* em casos reais pode proporcionar informações ligeiramente modificadas, pois sempre ocorre a influência do narrador, ou seja, sua visão, sentimentos, emoções, etc., influirão na narrativa.

É importante que as pessoas narrem fatos e acontecimentos relevantes vivenciados, uma vez que essa prática estimula a transmissão de conhecimento, para que o passado de uma organização, cidade, região ou país possam ser conhecidos, bem como possam trazer a real identidade aos envolvidos.

As pessoas e os acontecimentos por elas vivenciados se constituem em memórias que devem ser preservadas para que não sejam esquecidas. Dessa maneira, é importante que sejam recuperadas para que sirvam de fonte de informação para a sociedade contemporânea, assim como para a reflexão histórica.

Memória constitui, por definição, uma faculdade humana, encarregada de reter conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um “antes” experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário. Esse objeto pode ter valor sentimental, intelectual ou profissional, de modo que a memória pode remeter a uma lembrança ou recordação; mas não se limita a isso, porque compete àquela faculdade o acúmulo de um determinado saber, a que se recorre quando necessário (ZILBERMAN, 2006, p. 117).

A memória é tudo o que um indivíduo foi e é, indispensável para o próprio pensamento e a própria personalidade, faz com que se tenha uma identidade pessoal, cujo elo entre o que se percebe do mundo e o que se cria, nos remete ao passado. Através da narrativa é possível ouvir o indivíduo por meio do método *Storytelling*, registrar seu depoimento e, assim, reconstituir sua história.

Evidencia-se que não se pode entender o presente, muito menos pensar o futuro sem que se recorra à memória das pessoas. Há fatos e acontecimentos testemunhados e vivenciados por elas que não são registrados e, por isso mesmo, precisam ser registrados e preservados para que os resguarde do esquecimento, para que sejam reconhecidos a partir do valor social, cultural, histórico ou artístico formando as distintas memórias de uma determinada sociedade.

O testemunho nunca é igual e isso é uma característica da comunicação oral, assim o entrevistador pode ter várias versões de um mesmo fato narrado. O mais importante é que a memória seja um processo ativo de criação de significações, muitas vezes as informações mais preciosas se situam no que os informantes escondem, e não nos fatos narrados. Nessa perspectiva, recuperar e relembrar sentidos que foram esquecidos e renová-los em um novo contexto, por meio da narrativa, se faz necessário para a evolução da sociedade.

3 Imigração Japonesa

Em 17 de junho de 1908, chegam ao Porto de Santos os primeiros imigrantes japoneses a bordo do navio *Kasato-Maru*, como era noite, foi necessário aguardar o amanhecer para que o navio pudesse atracar. Assim, no dia 18 de junho, junto ao cais de número 14, atracava o *Kasato-Maru*, que trazia a bordo 800 (oitocentos) imigrantes, sendo que destes 781 (setecentos e oitenta e um) já possuíam contratos de trabalho, os demais imigrantes eram espontâneos, ou seja, buscavam uma nova possibilidade de vida (HANDA, 1987, p. 3).

Os imigrantes japoneses não conheciam a língua portuguesa e, naquela ocasião, não havia intérpretes; por essa razão ocorriam mal-entendidos de todo o tipo, uma vez que não eram capazes de se expressarem corretamente junto aos oficiais brasileiros.

É importante mencionar que, no período de 1924 até o início da Segunda Guerra Mundial, ocorreram diversas entradas espontâneas de imigrantes japoneses não contratados por fazendeiros de café (ARQUIVO..., 2009, p.23-24). Em um levantamento elaborado pelo Consulado Geral do Japão, a *Japan Emigration Service*, bem como dos censos brasileiros, verifica-se que cerca de 250 (duzentos e cinquenta) mil japoneses entraram no Brasil desde o

início do Século XX. Os japoneses formam o quarto maior grupo de imigrantes que chegaram ao Brasil ao longo do Século XX, ficando apenas atrás dos portugueses, italianos e espanhóis.

A imigração japonesa para a região de Marília teve início em 1926, contribuindo com o desbravamento das matas virgens e o desenvolvimento da região. Não seria exagero afirmar que o município de Marília foi, nos primeiros tempos, colonizado por *nikkeis*³. Na Década de 30, além de trabalharem como agricultores, alguns também foram para a cidade trabalhar com pequenas atividades comerciais e de serviços.

No dia 8 de dezembro de 1939 teve início a Segunda Guerra Mundial e, por essa razão, os japoneses residentes no Brasil passaram a sofrer humilhações e provações, pelo fato de o Japão fazer parte de um dos três países do Eixo. Os japoneses residentes no País passaram a ser vistos como inimigos, assim sofreram restrições, entre elas o uso do salvo-conduto para se deslocar para localidades fora do município de domicílio. Também estavam sujeitos a prisões caso participassem de reuniões (ARQUIVO..., 2009, p. 29).

Após o fim da Segunda Guerra Mundial aumentam as tensões no interior da comunidade japonesa, porquanto vivenciavam o drama do isolamento e da discriminação. Além disso, houve uma sucessão de eventos que aumentaram as hostilidades de policiais brasileiros e parte da população brasileira contra os imigrantes japoneses. As informações eram desencontradas devido às desconfianças de membros da comunidade frente às notícias veiculadas no Brasil, além disso, muitos imigrantes sustentavam que o Japão havia ganhado a Guerra (SAKUARI; COELHO, 2008, p. 24).

Nesse contexto, os imigrantes japoneses se dividem em *Kachigumi* [vitoristas] e *Makegumi* [derrotistas], pois a derrota japonesa e o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki tiveram efeitos traumáticos na precária situação dos japoneses e de seus descendentes, o que acarretou o surgimento do fanatismo manifesto na atuação da *Shindo Renmei* – a Liga do Caminho dos Súditos – organização sustentada pelos vitoristas (SAKUARI; COELHO, 2008, p. 25).

Os integrantes do Movimento Shindo Renmei assassinaram e destruíram estabelecimentos dos japoneses que acreditavam na derrota japonesa para os Estados Unidos, sendo considerados pelos membros da Shindo Renmei traidores que serviam às nações inimigas. O sentimento anti japonês fora da comunidade japonesa crescia a tal ponto que, em 1947, na Constituinte que discutia a entrada de novos imigrantes japoneses no País quase foi vetada essa autorização.

³ *Nikkei* - Aquele que saiu do Japão e reside no exterior, munido do objetivo de viver definitivamente nessas terras, e seus descendentes da segunda, terceira, quarta, e demais gerações, independentemente de sua nacionalidade ou mistura. Disponível em: <<http://www.jadesas.or.jp/pt/aboutnikkei/index.html>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

Sakuari e Coelho (2008) explicam que a vinda do navio *Kasatu-Maru*, em 1908, marca o início do ciclo migratório japonês para o Brasil, que se estende até o fim da Década de 70, com uma breve interrupção durante os anos de 1941 a 1952, em virtude da Segunda Guerra Mundial.

4 Movimento Shindo Renmei

A Shindo Renmei era uma organização japonesa, militarista e seguidora fanática do *Imperador Hiroito*, a quem eles acreditavam ser uma divindade, descendente de Amaterasu Omikami, a 'Deusa do Sol'. Mas, com a rendição do Japão as forças aliadas, o Imperador passa a obedecer às exigências definidas por eles e, assim, renuncia publicamente a dita divindade e assume ser filho de dois seres humanos, o *Imperador Taisho* e a Imperatriz Sadako.

Ressalta-se que a maioria dos membros do Movimento Shindo Renmei era constituída dos que se denominavam 'vitoristas', com seguidores distribuídos por toda a região oeste do Estado de São Paulo, com destaque para a cidade de Tupã e Marília. Os membros da Shindo Renmei defendiam que o Japão havia vencido a Segunda Guerra Mundial, mesmo depois de o Imperador Hiroito ter declarado formalmente a rendição do Japão às forças armadas americanas, e que a partir dali o novo chefe supremo seria um *gaijin*⁴, o General Douglas MacArthur, e acusavam as autoridades brasileiras de esconder a verdade que eles acreditavam.

Os imigrantes japoneses criaram várias organizações nacionalistas e, portanto, a Shindo Renmei foi apenas uma delas, contudo, destaca-se que apesar de existirem outras organizações deste tipo, nenhuma delas praticou atos terroristas como a Shindo Renmei.

Segundo Dezem (2000) alguns católicos japoneses criaram, com a aprovação da Igreja Católica e de autoridades governamentais, uma caixa beneficente chamada '*Pia*', cujo objetivo era prestar ajuda aos membros mais necessitados da colônia japonesa. Segundo esse autor, em 1942, o ex-coronel do exército japonês Junji Kikawa, que participava da organização da '*Pia*', após um confronto envolvendo brasileiros e japoneses na cidade de Marília, fundou a Shindo Renmei, cuja sede era situada à Rua Paracatu, no Bairro da Saúde, na cidade de São Paulo. A Shindo Renmei chegou a possuir 64 (sessenta e quatro) filiais nos estados de São Paulo e Paraná e se mantinha com as doações de seus associados.

É importante destacar que a Shindo Renmei possuía 7 (sete) integrantes, com idades entre 20 (vinte) e 41 (quarenta e um) anos que disseminavam o terror junto aos *Makegumi*

⁴ *Gaijin* - significa 'estrangeiro' ou 'não japonês'. É composta por duas palavras *gai* que significa 'de fora' e *jin* que significa 'pessoas', ou seja, 'pessoas de fora' cuja menção pode se referir a nacionalidade, raça ou etnia. Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=gaijin>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

[derrotistas]. Esses integrantes da Shindo Renmei andavam armados com porretes de madeira e *Katanas*⁵, usavam calções ou tinham a barra das calças arregaçadas até a metade da perna, e entre a pele e a roupa amarravam ao peito a bandeira japonesa de seda, a bandeira do Japão guerreiro, a que o sol central explode em raios vermelhos sobre o branco.

Os sete integrantes – denominados de *tokkotai* – percorreram o Estado de São Paulo realizando atentados que levaram a morte de 23 (vinte e três) e feriram cerca de 150 (cento e cinquenta) japoneses, no período de janeiro de 1946 a fevereiro de 1947. O Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS) investigou aproximadamente 30 (trinta) mil suspeitos dos quais 381 (trezentos e oitenta e um) receberam condenações.

O Presidente da República, na época Getúlio Vargas, decretou a deportação para o Japão de 80 (oitenta) dirigentes e matadores da Shindo Renmei, acabando assim com a organização que aterrorizava a colônia japonesa no Brasil. Os 80 (oitenta) japoneses deportados, mais tarde foram perdoados por meio de um decreto presidencial.

5 Relatos Obtidos a Partir do Método *Storytelling*

Foram realizadas cinco entrevistas – por meio do método de GC *Storytelling*. Uma das entrevistadas preferiu relatar livremente as lembranças vivenciadas por ela. A entrevistada é filha de um *Kachigumi*, e naquela época ela era uma criança de 11 (onze) anos de idade; por essa razão, não entendia muito bem o que estava acontecendo. Segundo seu relato, como os japoneses eram muito fechados, ela não perguntava nada do que estava ocorrendo para o pai, com medo de ser repreendida. Atualmente, a entrevistada está com 76 anos, é aposentada e faz comida japonesa para vender, apesar de não saber ler em português e, ainda, falar com forte sotaque, possui vários clientes brasileiros.

Ressaltou que ela nunca havia dito a alguém que o pai fazia parte do Movimento Shindo Renmei, afirmou que resolveu dar seu depoimento para que a história da imigração japonesa não se perca, pois acredita que a história da Shindo Renmei faz parte de uma época importante para a colônia japonesa brasileira.

“Meu nome é Toyoko, tenho 76 anos, na época eu era criança, devia ter uns 10 ou 11 anos de idade e me lembro de poucas coisas, mas lembro que meu pai fazia parte do Movimento Shindo Renmei, o nome dele era Takahashi Lindi, nós morávamos em Tupã naquela época, meu pai era agricultor, um dia, estávamos todos dormindo, já era de manhã e a polícia chegou com tudo em caminhão e com aquelas espingardas nas mãos, e tirou meu pai do quarto, meu pai levantou correndo, nem lavou o rosto nem nada, e os outros policiais colocaram ele no caminhão, eles pegaram meu pai e colocaram ele

⁵ Katana – ou catana refere-se ao sabre longo japonês. Forjadas cuidadosamente, desde a ponta até a curvatura da lâmina, eram trabalhadas totalmente a mão. A espada ultrapassava seu sentido material; simbolicamente, era como um instrumento capaz de ‘cortar’ as impurezas da mente. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Katana>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

dando com a espingarda na bunda para que ele subisse logo naquele caminhão, assim que ele entrou no caminhão levaram ele embora para a cadeia e ele ficou uns 2, 3 dias preso na cadeia de Tupã, o caminhão estava cheio de japoneses que tinham sido presos pelo mesmo motivo, por fazer parte do Movimento Shindo Renmei, mas naquela época não podia falar em Shindo Renmei e nem fazer parte dela, a turma toda que foi presa não queriam falar em Shindo Renmei, mas meu pai entrou neste meio (o do movimento Shindo Renmei) e por isso foi preso. Não me lembro se meu pai e seus amigos matavam ou faziam mal a outras pessoas, mas, me lembro que ele falava que se o Japão perdesse realmente a guerra ele iria cortar o próprio pescoço, ele não acreditava que o Japão havia perdido a guerra e nem admitia que alguém falasse isso, por isso ele foi preso como sendo integrante do movimento Shindo Renmei. Todos os integrantes da Shindo Renmei já morreram, menos um. Quando meu pai estava vivo, eu me lembro que vinha um senhor de São Paulo e sempre jantava em casa, e eles ficavam conversando um tempão e falavam sobre a Shindo Renmei, mas meu pai mandava a gente sair de perto, e eu não conseguia escutar nada. Meu pai não falava nada pra nós, nem o porquê tinha sido preso. Neste tempo nós japoneses só estudávamos nihongo, em livros japonês, e como era proibido ensinar japonês, e quando a polícia vinha na casa da gente fuçava em tudo, e para eles não acharem os livros e cadernos em japonês, meu pai colocava tudo naquelas caixas quadradas de querosene, de querosene vazia, cavoucava o chão e enterrava tudo lá dentro para não vê e não achar os livros e cadernos”.

O entrevistado Antônio César Lande ofereceu uma visão distinta daqueles que participaram do Movimento Shindo Renmei ou daqueles que foram vítimas do Movimento e, por isso mesmo, o relato tem importância para a constituição da memória da Shindo Renmei. Destaca-se que o entrevistado não é descendente de japoneses; entretanto, convivia com os japoneses e ouviu muitos relatos sobre a Shindo Renmei, e mencionou que, até hoje, este assunto causa desconforto aos descendentes mais antigos da comunidade japonesa da região de Marília.

“Meu nome é Antônio César Lande, nasci em Avaí em 1939, na região de Cafelândia, em Avaí tinha colônia de imigrantes japoneses, em Cafelândia tinha mais, porque eram as fazendas de café, e tinha também mais coisas da Shindo Renmei, as pessoas falavam aquele ali é da Shindo Renmei, precisa tomar cuidado com ele, depois me mudei para Bauru e, em 1959, me mudei para Marília. Quando me mudei para cá a população era por volta de umas quarenta mil pessoas, e destas a metade eram japonesas, eu trabalhava no comércio e tinha que aprender a falar um pouco de japonês, porque a maioria não falava português, os japoneses antigos não falavam português, eu até aprendi coisas como kore yasui dessu (esse é barato), kore kirei (esse é bonito), korei kirei nai (esse não é bonito), a influência dos japoneses aqui em Marília era muito grande. Quando cheguei aqui o movimento Shindo Renmei já estava abrandando, porque os mais velhos foram morrendo, os que não se renderam a perda do Japão na guerra morreram, porque em 1945 eles já eram adultos com vinte e tantos anos, se eles estivessem vivos hoje teriam quase cem anos. O Japão fazia 2.600 anos que não perdia uma guerra, então a guerra na Europa terminou no dia 08 de maio de 1945, mas não terminou para os japoneses, então o governo Norte Americano ficou muito preocupado porque o Japão ainda iria continuar a luta, então o presidente dos Estados Unidos e o comandante de toda a tropa aliada

discutiram o assunto e concluíram que precisavam fazer alguma coisa, pois caso contrário iria morrer muita gente, muito civil, muitas mulheres, muitas crianças, precisava ser feita alguma coisa para dar um basta, então soltaram as bombas atômicas ai não tinha mas jeito, depois das bombas os príncipe Hiroito se rendeu e, assim, terminou a guerra, não tenho certeza se foi em agosto ou setembro, mas a guerra mesmo terminou no dia 08 de maio, mas não para os japoneses, daí então como teve a imigração japonesa, para o Brasil tinha muitos japoneses que não concordavam que o Japão tinha perdido a guerra, mas muitos já estavam aqui no Brasil há algum tempo, já tinham seus negócios e tocavam seus negócios aqui, queriam tranquilidade e concordavam que o Japão tinha sim perdido a guerra, e como uma outra parte de japoneses não concordavam que o Japão tinha perdido a guerra, esse grupo de japoneses fundaram a associação Shindo Renmei e pagavam por isso, eles tinham dinheiro, essa associação era de posses e como eles também sabiam (risos), isso é uma coisa mais séria, que os brasileiros eram na maioria corruptos e que eles podiam comprar a polícia e, muitas vezes, eles fizeram isso, mas eles nunca fizeram nada contra os brasileiros, nada nada para o povo brasileiro, o alvo deles não eram os brasileiros, mas teve uma vez lá em Tupã que eles quiseram matar um brasileiro que era um cabo da polícia lá, porque ele quis dar uma de valente e ai eles quiseram pegá-lo, acho que ele pisou na bandeira japonesa, ou fez algum dos japoneses pisar na bandeira, não me lembro bem, mas os japoneses não chegaram a matá-lo, a polícia conseguiu impedir, mesmo assim os brasileiros tinham medo deles, nem envolviam-se em nada, éramos neutros, tínhamos medo de sobrar alguma bala para nós, o serviço dos membros da Shindo Renmei era profissional, eles não erravam o alvo, desciam do carro, entravam no local e faziam o serviço muito bem feito, tinham sangue frio, matavam e saiam correndo fugidos, mas por exemplo eu era Shindo Renmei, certo? Ai eu chegava para você e falava, Japão não perdeu a guerra e você falava, não o Japão perdeu a guerra sim, ai eles iam na sua casa e marcavam la no muro ou em qualquer lugar da sua casa que você ia morrer, eu não cheguei a ver nenhuma casa pintada assim, mas aqui em Marília por volta de 1953/1954, eles mataram um japonês que era relojoeiro, na rua São Luiz, o carro preto parou, desceu dois japoneses parecidos com gangster, com uma capa preta e com o colarinho virado para cima de chapéu e tal, e detonaram o japonês que concordava que o Japão tinha perdido a guerra, e esse movimento foi muito grande na nossa região Marília, Herculândia, Osvaldo Cruz, Cafelândia, Braúna e, em Bastos também, esses lugares onde tinha aglomeração de japoneses teve muito problema, inclusive Osvaldo Cruz e Tupã, que foi onde tiveram muito mais problemas com a Shindo Renmei, certo? A morte desse japonês na São Luiz eu não estava aqui ainda, mas houve esse fato, foram coisas que eu vivi na época, mas eu não vi é é.... eu só sei que tem um japonês aqui em Marília que tem uma bicicletaria, ele está vivo, ele é um.... o Japão tem alguma coisa com o número sete, que eu até hoje não sei o que é, sete samurai né, aquele filme famoso, e tem um livro do Fernando de Moraes que conta a história, e ele é um dos sete da Shindo Renmei, ele está vivo [pega o livro e mostra o que está vivo na foto], olha ele é esse aqui o nome dele é Hidaka, ele deve ter hoje uns oitenta anos, ai depois veio o filme, até passou aqui em Marília no Cine Clube mas eu ainda não vi, mas esse livro aqui é muito bom, conta as coisas da nossa região”.

[Eram só esses sete mesmo?]

“Não, tinha mais, mas os que encabeçavam o movimento eram esses sete. Eles eram um grupo grande, um grupo grande mesmo, esses sete eram os principais, eram os que matavam. Mas eles não fizeram nada, nada contra

os brasileiros, somente contra os imigrantes japoneses que concordavam que o Japão tinha perdido a guerra”.

[O senhor já ouviu falar que havia outra associação com o nome de Liga do Caminho dos Súditos?]

“Não, eu nunca ouvi, só ouvi da Shindo Renmei, os Tookotai eu sei, mas essa outra aí nunca ouvi falar. E olha; eles não eram qualquer um não, tinha muita gente de dinheiro por traz, gente do alto escalão, coronéis do exército japonês, gente da primeira guerra mundial, gente que já estava aqui no Brasil há mais tempo e conseguiram guardar dinheiro, por fim... eles tinham dinheiro e conseguiam influenciar muita gente também. De fato, analisando bem, eu até acho que tinha algum fundamento, porque a bomba atômica é como você estar sozinho e vir mil pessoas para brigar com você, você vai correr, perder ou morrer, ela foi uma afronta para terminar a guerra mesmo. Soltaram duas bombas atômicas e destruíram muita coisa, tanto é que até hoje tem repercussão do que fez essas bombas atômicas. Era uma sociedade organizada e muito poderosa. Eles falam que eram japoneses fanáticos, eu não sei julgá-los, e nem tenho capacidade em julgá-los porque havia fundamento, porque a bomba atômica era o inimigo mortal e com potencial, não é? Era uma coisa absurda, ela destruiu e matou muita gente, e outro fato era que o Japão nunca tinha perdido guerra nenhuma, aí o Hitler se matou, o alto comando alemão se entregou, terminou a guerra, porque a guerra era da Alemanha e, então, formaram o Eixo, que era a Alemanha, o Japão e a Itália, parte da Itália, na Itália a tropa aliada com os brasileiros aniquilou, matou o ditador Mussolini, e aí então a guerra na Europa acabou, mas para o Japão não tinha terminado, haja vista que nos anos 1970 encontraram japoneses no meio da mata se escondendo da guerra, mesmo depois de 30 anos que a guerra havia acabado, o fato era que o Japão não queria se render só se renderam por causa da bomba atômica, e o Hiroito viu que era hora de se render, porque se não os Estados Unidos ia continuar soltando bomba atômica e ia morrer muita gente, ia destruir o país, o que seria muito ruim. Mas que o Japão levantou a bandeira branca logo de cara, quando Hitler se matou, isso não, ele sozinho ia continuar a guerra. Os japoneses eram poderosos, a força aérea, a marinha japonesa era muito forte, tinham muita capacidade. A Shindo Renmei não durou muito tempo, mas o tempo que ela existiu ela causou muito estrago por aqui, eu falo aqui, mas tinha esse movimento no Brasil todo, aqui na nossa região é onde ela foi a mais poderosa, o Estado de São Paulo estava impregnado da Shindo Renmei. O príncipe Hiroito assinou o documento de rendição em um navio onde estava o alto comando das forças aliadas, todo mundo desarmado, assim o Japão se rendeu aos Estados Unidos. E a Shindo Renmei do jeito que começou foi extinguindo, os mais fanáticos foram morrendo, eles foram vendo que era mesmo o Japão que tinha perdido a guerra e o que eles tinham que fazer era aceitar. Hoje eu sou aposentado, negocio celas para animais e alguns animais também. Ah! Lembrei de uma coisa! Vamos supor que nós dois somos de duas famílias de japoneses, nós dois, então, o meu filho quer casar com a sua filha, eu sou Shindo Renmei, se você também era Shindo Renmei, o casamento dava certinho, podia casar, mas se você não fosse, não apoiavam o casamento, isso aconteceu muito, era fácil sair casamento quando as duas partes eram Shindo Renmei, se fosse só uma parte o casamento não saía, não tinha apoio, eles queriam casar entre eles para que a sociedade tivesse continuidade, eles não queriam que os sangues se misturassem, os do que apoiavam a perda da guerra e os do que não apoiavam, os casamentos que tinha mistura de sangue, não eram bem vindos. Trocando em miúdos, todos os que apoiavam que o Japão perdeu a guerra eram inimigos da Shindo Renmei”.

O entrevistado *Yoshimi Shintaku* relatou fatos importantes apesar de não ter vivenciado os fatos ocorridos naquela época. Ele acredita que o resgate de parte da memória da *Shindo Renmei* é muito importante para a comunidade japonesa de Marília e região, pois segundo ele é uma história que até hoje não foi detalhada como deveria ser, e, por isso mesmo, os descendentes devem conhecê-la.

“Meu nome é Yoshimi Shintaku, nasci em Marília em 1937. Quando eu nasci praticamente não tinha mais mata virgem, muito pouco, então imigrante mesmo só ouvi meu pai e minha mãe falarem, eles tomam uma cachacinha (risos) e começavam a chorar as mágoas do passado e o sofrimento que eles passaram, eu lembro mais das coisas que eu ouvi, as que eu vi lembro muito pouco, quando eu comecei a ter conhecimento das coisas, as coisas já estavam bem desenvolvidas, da imigração mesmo só escutei comentários dos meus pais”.

[O senhor já ouviu falar sobre o Movimento *Shindo Renmei*? Sabe me contar alguma coisa sobre ele?]

“Olha, eu chegar a ver, eu não vi, só ouvi comentários também, ouvi dizer que eles pegavam cavalos e amarravam as pessoas que acreditavam na derrota do Japão pelas pernas e as arrastavam. Isso aconteceu aqui na cidade de Marília, mas sinceramente dizer que cheguei a ver não posso dizer, porque não vi, um porque morava na área rural, naquela época vir para a cidade era difícil, estrada tudo de chão, dia de chuva para andar os vinte e poucos quilômetros do sítio até a cidade demorava meio dia para chegar, chegava na subida, tinha os caminhões patinando no barro e tinha uma fila de 10, 20 condução atrás e esperando... um sai, outro sai... empurrando...puxando...então...eram poucas as vezes que vinha na cidade”.

[O senhor não sabe mais nenhum fato do Movimento *Shindo Renmei*?]

*“Então... a *Shindo Renmei* só por ouvido mesmo né, quem sabe mesmo é o *Hidaka San*, mas quase não comenta e a idade dele está bem avançada, o que pode contar mais coisas para você, porque tem coisas escritas e guardadas é o *Rubens Okoti*, mas ele também não gosta de comentar muito né... Ele é de Marília também, como ele nasceu e se criou na cidade acompanhou mais de perto o que aconteceu”.*

*“Mas a *Shindo Renmei* não gostava que falassem que o Japão perdeu a guerra e não acreditava que havia perdido, mas na realidade tinha perdido, perdeu né, então em um certo ponto foi proveitoso... porque... os japoneses chegaram em Marília bem antes da estrada de ferro, em 26 ou 27, os imigrantes que vinham do noroeste, *Cafelândia*, *Lins*, *Promissão*, vieram de lá pra cá derrubando a mata virgem, então quando meu pai chegou aqui em Marília em 1935 para trabalhar com café, eles sofreram porque vieram para o Brasil porque diziam que aqui tinha uma árvore que dava dinheiro, que a fruta era moeda já, mas na realidade não era né, então sofreram, e pelo que vi escrito muitos acreditavam que aqui havia mesmo esta árvore que dava dinheiro, na época que meu pai entrou na fazenda, a noite ouvia choro de onça e ela as vezes vinha no quintal da casa mesmo, ninguém saía de casa à noite, a casa daquela época era feita coqueiro rachado e amarrado com cipó, então a brecha era uma em cima da outra, só não via tudo lá fora porque era escuro, porque a luz que tinha era só a de lamparina, mas...olha... pelo que meus pais contam passaram uma temporada muito difícil, porque para tomar um banho praticamente se tinha um tambor com*

fogo em baixo e sem parede, então as mulheres só iam tomar banho depois que escurecia mesmo e a onça urrando. Agora... o mais triste que meu pai e minha mãe falava era o seguinte, que naquela época tinha muita malária e... na colônia as casas eram enfileiradas ai minha mãe como a esposa do vizinho pegou malária e estava de cama e tinha criança pequena e minha mãe estava com saúde pegava café essas coisas assim e dava pra as crianças e nisso uma criança de 1 ano que não entendia que a mãe estava doente... tava tentando mamar no peito dessa mãe, mas... o peito tava seco...como a febre era alta o leite tinha secado, quando meus pais comentavam essas coisas eu pensava comigo...realmente eles passaram por mal tempos, sofreram bastante, hoje eu sempre comento com minha esposa que nós estamos no céu, porque não estamos mais no tempo dos meus pais. Na época da guerra também, por serem de um dos países do Eixo, os japoneses tiveram várias restrições, em primeiro lugar, não podia falar em japonês né... só dentro de casa e quando não tinha ninguém... japonês não tinha direito de comprar querosene para acender lamparina nem lampião e tem época que nem açúcar podiam comprar, então eles passaram muito pela polícia, e naquela época não era só a polícia... tinha os puxa-sacos da polícia que ficavam à paisana e denunciavam e com aquela denúncia, qualquer coisinha... apanhavam à toa, só por malvadeza mesmo... sofriam... Essa história é importante... hoje cada vez mais está diminuindo quem sabe contar toda essa história”.

O entrevistado *Rubens Okoti* relatou fatos importantes e que ainda eram desconhecidos. Apesar de nunca ter contado essa história a ninguém, acredita que é muito importante que a história do Movimento Shindo Renmei ser conhecida pela comunidade japonesa. O entrevistado é membro da comunidade japonesa e tem interesse em conhecer mais profundamente a história dos imigrantes japoneses da região. Ressaltou que a história da Shindo Renmei ainda é um tema delicado para os descendentes. Contudo, compreendeu a importância do resgate de parte da memória do Movimento Shindo Renmei e, assim, relatou os fatos de que se lembrava, uma vez que os envolvidos direta ou indiretamente ou os que conhecem algum fato sobre a Shindo Renmei estão envelhecendo e não gostam de relatá-la.

*“Meu nome é Rubens Okoti, nasci em Padre Nóbrega em 1943, como eu nasci em 1943, em plena guerra, então na minha infância eu lembro vagamente esta história da Shindo Renmei, mas a história da imigração eu tenho acompanhado porque como eu faço parte da diretoria do Nikkey Clube e temos feito vários eventos, inclusive o centenário, fizemos o memorial da imigração japonesa em Marília lá no portal de entrada do Nikkey Clube, pegue a chave lá na secretaria do Nikkey e vai lá conhecer o memorial que será importante para você. Shindo Renmei, nada mais era do que uma briga entre os que achavam o Japão vencedor na Segunda Guerra Mundial e uma outra facção que achava que o Japão havia perdido a Guerra...Guerra Mundial. Então houve uma Shindo Renmei é...é... traduzindo literalmente seria os adeptos fiéis ao Imperador do Japão, certo? Então, é uma briga entre os patrícios e deve ter sido uma coisa horrível, então é isso, tem o filme *Corações Sujos* e também o livro, eu li o livro, e o que conta naquele livro é verídico, inclusive tem um sobrevivente aqui em Marília que fala que não é verdade, mas houve uma perseguição aos adeptos que acreditavam que o Japão havia perdido a guerra, ninguém gosta de tocar nesse assunto porque é uma ferida muito grande do passado, inclusive o*

governo Getúlio Vargas na época porque quem pertencia ao terceiro Eixo, Alemanha, Itália e Japão aqui no Brasil houve opressão, então todo o patrício que falava em japonês por exemplo em público e alguns atos sem ser crime ou que eles achavam que... que... que... teriam cometido algum ato ilícito eles mandavam para a Ilha Anchieta, ali em Santos, era prisão mesmo sabe, então foram realmente injustiçados, lógico que quem perde a guerra sofre mesmo, e como alguns achavam que tinham ganhado a guerra aprontavam mesmo, ele acreditavam que tinham ganhado porque havia notícias facciosas, pessoas aproveitadoras, sabe o que acontecia com esse pessoal? Falavam que o governo japonês iria mandar um navio para o Brasil para recolher todo o pessoal que tinha imigrado pra cá porque o Japão tinha ganhado a guerra, então... é... alguns patrícios inescrupulosos faziam disso uma oportunidade para comprar os imóveis baratinhos, tem um fundo político muito assim... sujo por trás disso sabe... Eu por exemplo estou com 70 anos eu sei de toda esta história e evito comentar porque é uma vergonha para nós, certo?... Mas que também faz parte da história da imigração japonesa, e aí é importante, não deixa de ser importante, porque o Japão era na época era governado por militares e eles achavam que como o exército japonês era filho de Deus, Deus deles lá... Shintoístas⁶, então onde fossem invadir não havia inimigo, tanto até que avançou lá pela Ásia, Manchúria, China e toda a região asiática, só que de tanto avançar ficou o meio de campo como se diz no futebol desguarnecido então os americanos e os asiáticos cortaram a rota de mantimento então os soldados japoneses morriam às vezes de fome, é verdade isso, todo o navio de mantimento era afundado e chegou a um ponto que não tinha mais comida, então tudo isso foi a causa dessa Segunda Guerra, e os japoneses que estavam aqui no Brasil sofreram porque faziam parte do Eixo, o Terceiro Eixo né e principalmente o governo de Getúlio Vargas confiscou vários bens da colônia também, sabe? Você sabia que o hospital Santa Cruz em São Paulo foi confiscado pós-guerra pelo governo brasileiro e recentemente há uns 10 anos atrás os administradores não conseguiram tocar e estava a pouco da falência sabe, aí o governo brasileiro devolveu para a colônia japonesa, hoje o hospital Santa Cruz é administrado pelo corpo médico Nissei vinculado a Bunka de São Paulo que é a Sociedade Brasileira de Cultura japonesa em São Paulo, quem construiu este hospital foram os patrícios japoneses com o dinheiro do governo japonês e com a guerra foi confiscado, mas que agora foi devolvido, eu já fui lá neste hospital, dentro todas as placas estão em japonês e português e a administração é toda de nihonjin⁷, temos também lá na Vila Maria a Beneficência Nippo Brasileira e ali é internado descendente e não descendente, certo, ali é um hospital de primeira linha, inclusive para pessoas idosas da colônia eles fornecem arroz com missôshiro e curtidos e outras iguarias assim. O Japão depois de 1929, na crise mundial e também lá no Japão a economia não estava bem, aí começaram a imigrar para os outros países, para virem ao Brasil, os japoneses foram enganados, diziam que aqui no Brasil havia uma árvore que dava ouro, lógico, o algodão era tratado como o ouro branco, e o café ouro verde, só que ouro, ouro como era falado mesmo não né... Até hoje ninguém encontrou essa árvore [...]"

⁶ *Shintoístas* – O xintoísmo tem raízes muito antigas nas ilhas japonesas. Sua história registrada remonta ao *Kojiki* (712) e ao *Nihon Shoki* (720), porém os registros arqueológicos datam de um período significativamente mais antigo. Ambas as obras são compilações de tradições mitológicas orais já existentes. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Xinto%C3%ADsmo>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

⁷ *Nihonjin* – Os japoneses (*Nihonjin*, *Nipponjin*) são um grupo étnico do Japão, localizado no leste da Ásia Oriental. São geralmente associados ao Japão e à língua japonesa. As religiões predominantes são o xintoísmo e o budismo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Japoneses>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

O entrevistado Tokuiti Hidaka mencionou que não fez parte do Movimento Shindo Renmei, afirmou que foi um *Kachigumi* que fez o que fez porque acreditava que o Japão havia vencido a Guerra, ele não se arrepende do que fez, para ele esta história é muito importante para a comunidade japonesa não só de Marília e região, mas também para o país, e inclusive para o Japão.

[Qual o nome do senhor?]

“Tokuiti Hidaka nasci em 09 de fevereiro de 1926, no Japão, estou com 87 anos”.

[O senhor morava onde?]

“Em Tupã, meu pai tinha um pequeno negócio lá, vim para Marília em 1968”.

[O senhor pode falar sobre o Movimento Shindo Renmei?]

“Aí é que tá né, eu não era da Shindo Renmei, o pessoal que fala que nós fomos mandados pela Shindo Renmei, essas coisas... mas... não é isso!”

[Não era isso?]

“Não!”

[O senhor era membro da Shindo Renmei? Fazia parte dela?]

“Não, da Shindo Renmei, eu não fazia parte!”

[O senhor era Kachigumi?]

“Kachigumi... naquela época 90% da população japonesa era Kachigumi, confiava no Japão que ele tinha ganhado, mas não era né, mas... a gente achava. Na hora a gente achava que ele havia ganho a guerra, aqui em Marília mesmo que começou a Shindo Renmei, mas eu não sabia, mas foi aqui mesmo em Marília que começou, mas todo mundo ficou quieto, aqui no Santa Ambrozina que começou, mas eu não sou Shindo Renmei, o pessoal que fala que eu sou Shindo Renmei, mas não sou Shindo Renmei. Aqui de Marília muita gente morreu e muita gente foi presa, muitas famílias ainda moram aqui, mas ninguém quer falar desse assunto”.

[O senhor acreditava mesmo que o Japão havia ganhado a guerra?]

“Todo mundo confia no exército japonês e eu acreditava sim, todo mundo acreditava muito. O pessoal do Makegumi que falava que acreditava que o Japão tinha perdido a guerra judiava muito dos japoneses aqui de Tupã, Bastos, judiaram muito, mandou assinar ou pisar na bandeira do Japão, na fotografia do Imperador, mas nós que respeitava, não fizemos, e eles só soltavam quem fizesse isso”.

[Quando se iniciou os Kachigumi?]

“Começou quando falaram que o Japão tinha se rendido, nós não acreditávamos, confiávamos muito no Japão, no exército, por não acreditar que o exército perderia uma luta e, também, porque nós achávamos que o Imperador era um Deus, não é né, mas todo mundo quando acredita em uma religião fica fanático não é mesmo? Então, nós éramos assim, a mesma

coisa, víamos que estávamos errados, mas fomos ensinados assim. E depois quem foi judiado ficou quieto, não falou mais nada, fanático mesmo eram muitos”.

[O senhor já ouviu falar do livro ‘Corações sujos’?]

“Ah, aquilo lá é tudo mentira! Ele fala que eu estava com uma espada e queria matar o cabo. Não era espada, era um livro! Eu realmente fui preso lá em Tupã e depois trouxeram a gente pra cá. O povo fala que o cabo fez isso, aquilo e que a gente foi mata ele, não fomos matar ele, só queríamos saber se era verdade o que tínhamos escutado. O pessoal fala que nós fomos matar ele, mas não é nada disso, é tudo mentira! Na hora que aconteceu o episódio eu não estava junto, aí vieram me falar que estava tendo uma festa na casa de um patrício, era dia primeiro de janeiro e eles estavam fazendo uma festinha de ano novo, aí o vizinho denunciou porque tinha uma bandeira japonesa estada e a polícia chegou lá, pegaram o dono da casa e bateram nele na frente da família toda, ele ficou todo quebrado coitado, e que o cabo tinha desrespeitado a bandeira, limpando o sapato nela, aí nós fomos até a delegacia pra saber se era verdade, mas o delegado nem quis ouvir a gente, prendeu todo mundo, ficamos preso 21 ou 22 dias depois mandou a gente embora, e no livro esta como que eu que sou o ruim, que estava com uma espada”.

[O senhor ficou preso na Ilha de Anchieta?]

“Ah, isso foi bem depois. Antes disso, de 80 a 90% da japonesada não acreditava que o Japão tinha perdido a guerra, Makegumi eram poucos, aí quando a guerra começou, o embaixador, cônsul, todos voltaram para o Japão, porque o Japão e o Brasil cortaram as relações e aí ficou uns 10 japoneses influentes só. Falaram muita coisa que não era, mas... ficou assim. Olha só este livro, esse é verdadeiro, vou vê se arrumo um pra você que esteja em português. Tinham 7 (sete) cônsul que eram influentes e que ficaram aqui para assinarem os papéis que o Japão tinha perdido a guerra, aí o pessoal do Makegumi pegou força, e como a (não sei se posso falar isso, conversa sozinho em japonês) polícia naquele tempo eram na maioria nortistas analfabetos, então os Makegumi davam dinheiro a polícia para que pegassem os Kachigumi pra interrogar e se respondessem que o Japão ganhou a guerra apanhava muito e os Makegumi aproveitavam, e o pessoal que no fundo no fundo não acreditava na derrota, precisava falar que acreditava, se não apanhava muito, então... não foi de começo que a briga entre nós começou foi muito diz que me disse, uns 6, 7 meses depois do Japão ter perdido a guerra tava assim meio virado, mas depois da assinatura dos papéis que foram assinados pelos cônsul é que ficou ruim, os Makegumi se sentiram fortes, e queriam que todo mundo assinasse, aqui em Marília não sei como foi, mas lá em São Paulo na cadeia era assim, se pisasse na bandeira ou na fotografia do Imperador, você podia sair, estava livre, se não ficava preso”.

[Iam para onde? Para Anchieta?]

“Não! Para Anchieta só iam os mais fanáticos, aqui de Marília foram 4 (quatro) para Anchieta, eu fiquei preso lá dois anos e pouco, o duro eram os inocentes que iam parar lá, muitas vezes por denúncias falsas, para a polícia quem não assinava o documento falando da rendição ou não pisasse na bandeira era fanático. Mas pisar na bandeira do próprio país é difícil né, e essa turma pensa que por causa da derrota teve os Makegumi e Kachigumi, não era isso, olha... lá em Avaré morreu uma família toda, mataram e falaram que eles tinham se matado, mas foi a polícia e aquela japonesada

que denunciava, só porque acreditavam que o Japão ganhou a guerra, aí os Makegumi falavam que eles tinham metralhadora e um monte de arma, e a polícia cercou a casa e deu tiro em todo mundo, mas nos documentos está escrito que eles se suicidaram, a criança tinha seis anos, você acha que uma criança de seis anos se mata? Não! Foram mortos mesmo, lá na casa só tinha foice e coisa assim de agricultor. Muitas pessoas que morreram foram os Makegumi junto com a polícia que mataram e depois falaram que foram os Kachigumi quem matou, e teve muitos que foram torturados e ficaram meio doídos na cadeia e aí morreram”.

[O livro fala de 7 (sete), eram só 7 (sete) ou mais?]

“No dia que foi tirada a foto do livro, foi no dia que fomos conversar com o cabo, éramos 9 (nove), mas 2 (dois) foram procurar o cabo que não estava na delegacia, de todos esses que estão aí nesta foto, só eu estou vivo! Olha este aqui o Sakane até uns 2 (dois) anos atrás estava vivo, mas agora o único vivo sou eu, nesta época eu tinha 19 (dezenove) anos, mas este livro aí tem muita coisa que é mentira, errado, por isso o pessoal aqui de Marília pensa que eu sou muito perigoso (risos), eu gosto, gosto, amo o Japão, porque sou japonês, mas perdeu né... (risos)”.

[Hoje o senhor acredita que realmente o Japão perdeu a guerra?]

“Claro! Mas naquele tempo não acreditava mesmo”.

[E os que estão na foto, algum foi morto pela polícia?]

“Não, nenhum. Mas nós todos fomos presos lá na Ilha Anchieta, menos Sakane, ele não foi preso”.

[E como era lá na Ilha Anchieta?]

“Lá não era tão ruim, pra nós não (risos), tinha até festa, no segundo ano nós fizemos até a festa do Imperador (risos), undokai, fizemos tudo, nos primeiros 2 (dois) meses eles ficavam de olho na gente porque o jornal e a japonesa que mandou prender nós, falaram que éramos um bando de assassino, mas depois lá junto tinha engenheiro, tinha químico, fazendeiro do Paraná, aí acabou, pararam de pegar no pé. Nós que estamos aí nesta foto ganhamos o nome de tookotai pela imprensa, mas tookotai é um bando de suicida do exército japonês, por isso que colocaram esse nome na gente, a gente mesmo não tinha nome nenhum, o povo que arrumava um monte de nome pra nós”.

[Então Shindo Renmei também foi um nome que colocaram em vocês?]

“Não! A Shindo Renmei tinha mesmo, aquele tempo tinha Shindo Renmei, Taigo Bujin Kai e... acho que tinha 11 (onze), Seka Renmei, mas o chefe deles (Seka Renmei) pisou na bandeira e o Movimento acabou, depois da guerra tinha 11 (onze) movimentos, mas dizem que a Shindo Renmei era a maior, dizem que era grande. O povo queria acabar com os Kachigumi, então toda vez que tinha um assassinato falavam que foi a Shindo Renmei que mandou, mas a Shindo Renmei eu não conheço, sabia que existia, mas eu não tinha nada com ela, todo mundo fala que eu sou, até hoje às vezes muitos falam e aí Shindo Renmei, mas eu vou fala o que? Falo que é... fazer o que... eu era e sou ainda patriota, gostava do Japão. Olha o que aconteceu uma vez, o delegado da Ordem da Polícia Social falou que a gente era ignorante, atrasado por causa que a gente não queria pisar na fotografia do Imperador, porque a gente idolatrava ele, aí ele perguntou assim pra nós: vocês já viram ele? Já tocaram nele? Aí falamos para o delegado: Doutor, o

senhor é católico? O delegado disse que sim. Aí perguntamos pra ele se ele já havia visto Deus, tocado em Deus, e se alguém te dar a fotografia de Cristo para o senhor pisar, o senhor pisa? Claro que não, falou o delegado, e todas as respostas dele foram negativas, assim como a nossa, aí falamos para ele que então éramos todos ignorantes e atrasados, e ele ficou quieto (risos). Mas só porque vocês amam tanto o Japão vocês todos vão pegar uma cadeia brava. Aí perguntamos a ele se aqui no Brasil havia algum código ou lei que proibisse amar a pátria, aí o delegado não sabia o que responder e mandou levar a gente pro xadrez (risos). Mas o delegado viu que a gente não era tão boba quanto ele pensava, e sabe quem era o delegado naquela época lá? Era Geraldo Cardoso, ele era pai daquela ministra Zélia Cardoso, mas ele ficou sem resposta para dar pra gente (risos). Lá na cadeia que eu fiquei lá em São Paulo no DEOPS é a mesma que a presidente Dilma ficou, fui lá agora quando abriram pra visita e vi o nome dela lá, claro que fiquei lá antes dela (risos) eu inaugurei lá pra ela (risos). Mas depois que eu voltei da Ilha de Anchieta as coisas acabaram. Nessa época teve muitos estelionatários que aproveitaram muito dos japoneses, comprando as coisas baratinhas deles falando que o Imperador ia mandar buscá-los em breve. Mas nem tinha como depois da guerra, tinha muita gente lá passando fome, como iam buscar mais gente. Nós que estávamos presos lá na Ilha Anchieta também o Brasil queria deportar, mas o Japão não quis a gente, depois queriam mandar para os Estados Unidos, mas eles também não quiseram a gente (risos) o Brasil teve que ficar com a gente aqui (risos) e a polícia também não podia ficar com pessoas lá que só estavam lá porque não acreditavam na derrota do Japão, aí a polícia queria que todos pedissem perdão, se pedisse perdão podia sair, mas nós não pedimos, pedir perdão porque? Não pedimos para estar aqui, vocês que trouxeram nós aqui. Agora vamos ter que pedir perdão pra sair? (risos). Mandamos eles irem ir pra aquele lugar... (risos) mas aí eles soltaram todo mundo de uma vez...”

[O senhor cometeu algum crime?]

“É nós cometemos... mas fomos julgados. No livro fala que eu fui em cima do cabo com um katana, é mentira... mas todo mundo acha que é verdade e acha que eu sou muito bom no katana (risos), mas eu gostava e ainda tenho honra de ser japonês”.

[O que motivava vocês a fazerem o que fizeram?]

“O fato de que eles queriam que a gente pisasse na bandeira japonesa e na foto do Imperador, mas as coisas só ficaram ruins depois que os Makegumi pegaram força por conta da assinatura do cônsul na rendição. Olha nós fomos muito judiados, faziam a gente tomar purgante e soltavam a gente no chiqueiro dos porcos e largava lá, os Makegumi que pagavam para a polícia fazer isso, mas isso eles não contam né, só falam que eram coitadinhos. Me convidaram para assistir aquele cinema ‘Corações Sujos’, você assistiu? Puta merda! É uma mentira (risos)”.

[Ah... é? O senhor assistiu? O que achou?]

“Bom como filme não sei se é bom ou ruim, não sou comentarista de cinema nem nada (risos), mas é completamente mentira aquele gerente da cooperativa de Bastos que mataram, quando os Makegumi pegaram força, no dia 01 de janeiro de 1946 fizemos uma festa e estiamos a bandeira, aí o Cabo Raimundo foi lá porque alguém denunciou, mas já tinha acabado a guerra, mas o Cabo Raimundo quis mostrar a autoridade dele: tirou a bandeira, rasgou os livros, na presença da família bateu muito nele, mas

bateu mesmo, ele ficou todo manchado, eu estava na escola japonesa eu e a rapaziada, aí chegaram lá falando que o Cabo Raimundo tava limpando a bota com a bandeira, aí nós fomos lá pra ver, não tinha arma, estava na escola e tinha comigo um livro e não uma katana, tinha 5 (cinco) japoneses lá gemendo de dor de tanto que apanharam, aí perguntaram o que fomos fazer lá e nós respondemos que só queríamos saber se era verdade o caso da bota, como ele não estava mandaram esperar, eu sai e fui procurá-lo num clube de jogatina que tinha, aí chegaram uns soldados e perguntaram o que a gente queria e falamos que queríamos falar com o Cabo Raimundo, fomos revistados, mas não tínhamos nada só livros, e os mais velhos tinham cigarros, nisso o Cabo chegou e queria pegar um, eu estava na frente de todos e veio prá me pegar e disse: eu vou sangrar esse japonêsinho e eu fiz um gesto de luta pra me defender só isso, e o outro policial apartou, nem fiz nada, mas depois nós entramos no xadrez, aí nós queríamos falar com ele mas ele sumiu, e o pessoal da colônia estava lá todos arrebitados porque tinham apanhado muito, mas eu não estava armado, só a ficção que colocou que eu estava armado, mas até 5 (cinco) senhoras foram presas, até meu pai foi preso, aí o pessoal dos Makegumi começou a ter mais força e a esposa do gerente da cooperativa de Bastos falou assim: vocês amam e dão tanto valor nesta bandeira, eu vou falar uma coisa para vocês... tenho até vergonha de falar isso para você Natacha, você é mulher, me desculpe, mas vou falar...(risos) ela disse assim, traz um pano branco que eu ponho na minha... (risos) e faço uma bandeira do Japão para vocês, aí ficou ruim, porque a gente não matava mulher e ela desrespeitou a bandeira né, aí mataram o marido dela para vingar, deram tiro nele, não foi igual conta no filme, no filme mostra que foi com katana, mas foi tiro, aquela cena que mostra todos nós com katana na rua também é mentira, como íamos andar armado durante o dia daquele jeito. Esse livro aqui do Toyama é verdadeiro, aquele lá é muita mentira. Agora estou escrevendo uma biografia minha”.

[E como acabou o Movimento?]

“Depois que voltamos da Ilha Anchieta nós paramos, arrependeu eu não me arrependo, mas é duro, convivendo agora eu vejo que estávamos errados, acreditamos muito no Japão, mas mesmo assim eu não me arrependo, fui ensinado assim pelo meu pai e professores. Não tenho vergonha, acreditava que o Japão tinha ganhado a guerra e o rádio também muitas vezes falava isso e fui ensinado assim. Mas aí começamos a acreditar que na verdade o Japão havia perdido e foi acabando, mas não me arrependo. Nesse filme o ator principal acho que era eu, pelo menos falam que sou eu, e pela história sou eu mesmo, mas minha esposa não me deixou, já fazem 54 anos que estou casado com a mesma esposa, e nesta época eu era solteiro (risos).

6 Considerações Finais

Os resultados obtidos demonstram que a gestão do conhecimento pode contribuir para a construção, compartilhamento e apropriação de conhecimento, bem como se observa que o conhecimento de um indivíduo tem alto valor para a sociedade, principalmente no que tange à constituição de memórias.

O testemunho oral gera novas histórias; ou seja, a memória é tudo o que fomos e o que somos que, neste caso, possibilitou a constituição de parte da história da imigração japonesa na região de Marília, durante e após a Segunda Guerra Mundial. Os relatos obtidos por meio da aplicação do método *Storytelling* possibilitou resgatar sentimentos e emoções dos

entrevistados, evidenciando que os japoneses foram muito humilhados nesse período e passaram por várias provações, as quais preferem guardar para si.

Nessa perspectiva, por meio da aplicação do método *Storytelling* foi possível reconstituir uma maior parte da memória da organização Shindo Renmei que, na época, se constituiu no maior escândalo da comunidade japonesa e, por isso mesmo, se mantém guardada na memória dos indivíduos que vivenciaram aquela época, sejam os que pertenceram às famílias das vítimas ou às famílias dos integrantes da referida organização.

Destaca-se que os relatos obtidos de alguns membros da comunidade japonesa evidenciam que a Shindo Renmei causou muito mal aos *Makegumi*. No entanto, não foi possível obter nenhum relato destes ou de seus descendentes, pois preferem esquecer os fatos que causaram tanto mal aos antepassados.

Por último, é importante ressaltar que, apesar de tantos anos terem se passado após as ações do Movimento Shindo Renmei, os descendentes japoneses que vivem em Marília e região ainda se ressentem em falar sobre o assunto, por considerarem os fatos ocorridos uma vergonha para a comunidade japonesa.

Referências

ALVARENGA NETO; R. C. D. de; BARBOSA, R. R.; PEREIRA, H. J. Gestão do conhecimento ou gestão de organizações da era do conhecimento?: um ensaio teórico-prático a partir de intervenções na realidade brasileira. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 5-24, jan./abr. 2007.

ARENDDT, H. **A vida do espírito**: o pensar, o querer, o julgar. 4ª ed. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000. 2v.

ARQUIVO Público do Estado de São Paulo. **Kasato-Marú**: uma viagem na história da imigração japonesa. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. 96p.

BARBOSA, R. R. Gestão da informação e do conhecimento: origens, polêmicas e perspectivas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 13, n. esp., p. 1-25, 2008.

DEZEM, R. **Shindô-Renmei**: terrorismo e repressão – inventário DEOPS Mod. III - Japoneses. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 2000. (Coleção Inventário DEOPS)

HANDA, T. **O imigrante japonês**: história de sua vida no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz; Centro de Estudos Nipo-Brasileiro, 1987.

MATOS, G. A. **Storytelling**: líderes narradores de histórias. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010. 176p.

MATOS, O. C. F. *O storyteller e o flâneur* Hanna Arendt e Walter Benjamin. In: **Hanna Arendt**: diálogos, reflexões, memórias. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 272p.

MELLON, N. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 249p. (Coleção Pais, Tais e Profissionais)

NONAKA, I. **Gestão do conhecimento**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

O'DELL, C. S.; HUBERT, C. **The new edge in knowledge: how knowledge management in changing the way we do business**. New Jersey: Wiley, 2011. 236p.

PASHER, E.; RONEN, T. **The complete guide to knowledge management: a strategic plan to leverage your company's intellectual capital**. New Jersey: Wiley, 2011. 204 p.

POLANYI, M. **The tacit dimension**. Gloucester: Peter Smith, 1966. 108 p.

SAKUARI, C.; COELHO, M. P. (Org.). **Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

SILVA, A. M. da; RIBEIRO, F. **Das "ciências" documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. Porto: Afrontamento, 2002.

TERRA, J. C. **Storytelling como ferramenta de gestão**. [S.n.t]. Disponível em: <<http://biblioteca.terraforum.com.br/paginas/strytellingcomoferramentadegest%C3%A3o.aspx?page2>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

VALENTIM, M. L. P. Organizações do conhecimento.: **InfoHome**, Londrina, 2003. 2 p. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=70>. Acesso em: 11 nov. 2014.

ZILBERMAN, R. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, set. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/621/452>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

Recebido/Recibido/Received: 2016-07-19
Aceitado/Aceptado/Accepted: 2017-06-03